

“A GENTE VIVIA AQUILO, TINHA QUE SABER”: A EXPERIÊNCIA DA INFÂNCIA NO CONTEXTO DA DITADURA CIVIL MILITAR BRASILEIRA

Amanda Vidal Silva¹; Cristiane Aparecida Fontana Grüm²

RESUMO

A presente pesquisa encontra-se em fase de desenvolvimento como trabalho de conclusão do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação da Pequena Infância pelo Instituto Federal Campus de Camboriú-SC. Tem como objetivo principal investigar a experiência da infância no contexto da ditadura civil militar brasileira a partir da obra *Infância Roubada*, uma coletânea de depoimentos de filhos/as de militantes que vivenciaram a condição de criança em determinado período. As categorias de análise que se sobressaíram a partir dos depoimentos versam sobre a questão do silêncio como uma forma de resistência, a construção de vínculos familiares e as formas de resistência encontradas pelas crianças.

Palavras-chave: Infância. Experiência da Infância. Ditadura civil militar brasileira.

INTRODUÇÃO

A presente investigação está em processo de desenvolvimento e tem como objeto de estudo a infância no contexto histórico da ditadura civil militar brasileira. O objetivo é problematizar a experiência da infância de crianças à época, hoje adultos, que cresceram em torno de um clima repressor e violento. A proposta de investigação da infância no contexto da ditadura civil militar brasileira, se dá a partir da obra *Infância Roubada*: uma coletânea de depoimentos e documentos, organizada pela Comissão da Verdade do Estado de São Paulo (CEVSP) que é um desmembramento da Comissão Nacional da Verdade (CNV). Os depoimentos são de adultos, mas que naquele determinado contexto histórico eram crianças filhas/os de militantes políticos contrários ao regime imposto e que até então não haviam recebido a oportunidade de falar sobre suas experiências, memórias e lembranças. A Comissão Estadual da Verdade Rubens Paiva é um desmembramento da Comissão Nacional da Verdade, instituída em 2011 e realizou, entre 06 e 20 de maio de 2013, o ciclo de audiências “Verdade e Infância Roubada” que resultou na obra intitulada: *Infância Roubada*. Neste ciclo foram escutados os testemunhos de quarenta filhas/os de militantes, presos políticos, perseguidos e desaparecidos da ditadura, essas pessoas encontram-se na faixa etária de quarenta e cinquenta anos atualmente e pela primeira vez tiveram a oportunidade de contar suas experiências, memórias e lembranças. A obra é constituída por vários documentos, dentre eles, cartas pessoais, reportagens de jornais, fotos públicas e de álbuns pessoais, certidões de nascimento, fichas dos departamentos de órgãos policiais da época, além de depoimentos, testemunhos das histórias e sobre as experiências vividas das filhas/os de militantes políticos que sofreram, de diversas maneiras, abusos por parte do regime autoritário. Importa ressaltar que o campo estudos acerca da criança e a infância vem ganhando proporção significativa na produção do conhecimento científico ao longo dos últimos anos. A temática da infância e o sujeito

1 Professora da Educação básica do município de Balneário Camboriú. Estudante da Pós-Graduação Lato Sensu do Instituto Federal Campus Camboriú, Eixo: Educação da Pequena Infância. E-mail: amand_avs@hotmail.com

2 Mestre em História pela Universidade Federal do Paraná. Professora da educação básica, técnica e tecnológica do Instituto Federal Catarinense, Campus de Videira. E-mail: Cristiane.grumm@ifc.edu.br

criança poderiam ser encontrados facilmente nas áreas científicas da medicina e da psicologia, entretanto, a partir da década de 90, ultrapassa esses limites, rompendo com a visão adultocêntrica a respeito da criança, centralizando o objeto de estudo, a criança, “a partir de si própria” (SARMENTO, 2015, p. 31). Esta nova centralização do sujeito criança como objeto de estudo direto, assegura que a voz das crianças seja ouvida, fornecendo-lhes um lugar de escuta e, além disso, a estabelece como ponto de partida das investigações. Tal perspectiva inaugurou um conjunto de novas disciplinas que se ocuparam, multidisciplinarmente a estudar a infância. Contudo, esse conjunto multidisciplinar, dos diversos campos teóricos, responsável por estudar o mesmo objeto, a criança e a infância, não é homogêneo, mas intrincado sob diversas controvérsias “como sempre ocorre nas ciências sociais e humanas, atravessado por contradições e dissensos teórico metodológicos”. (SARMENTO, 2015, p.33). Portanto, importa dizer que o conceito balizador desta pesquisa se situa no campo da filosofia, a partir das contribuições de Giorgio Agamben (2008), ao que se refere ao conceito de experiência, linguagem e infância. Portanto, a infância com a qual andamos de mãos dadas é aquela entendida, não como uma etapa cronológica ou um período da vida por qual todos passamos e num dado momento a deixamos para trás, mas como uma condição permanente e promotora da experiência humana. Nesse sentido, localizar a infância a partir das contribuições de Agamben (2008) implica em compreendê-la como promotora da experiência da linguagem. De acordo com o autor, o ser humano é constituído pela e para a linguagem e essa dialética só é possível porque a infância está localizada neste interstício entre a experiência e a linguagem. Somente porque somos seres *in-fantes*¹ é que podemos experienciar e essa experiência é a experiência da própria língua, portanto “é pela infância que nos aproximamos do inefável pela linguagem. Por ela, os limites da linguagem são buscados na própria experiência da linguagem” (SILVA, 2007). Essa experiência da infância, vivida pelos filhos/as de militantes, pode ser resgatada por meio da história oral, das narrativas das memórias de adultos que viveram essa condição no contexto de um regime autoritário. Esses relatos orais fazem parte do que Pollak (1989) nomeia de memórias subterrâneas, ou seja, as memórias daqueles/as que não se encaixam na versão oficial da história e que por esse motivo foram soterradas, justamente por serem divergentes. Apesar das memórias subterrâneas terem sido soterradas historicamente por serem divergentes da história oficial, é um equívoco pensar que essas narrativas foram esquecidas pelos sujeitos que vivenciaram essas experiências. Ainda de acordo com Pollak (1989), o silêncio da memória subterrânea é uma forma de resistência e é, além disso, um ato político. As lembranças sobre os fatos históricos vividos são guardadas em estruturas informais de comunicação como, por exemplo, por meio da história oral, passada de geração para geração no âmbito familiar. Essas memórias são nutridas por meio da história oral e esperam o momento propício para irromper na sociedade, constituindo narrativas diversas que se contrapõe a narrativa oficial. Trabalhar, portanto, com um sujeito negligenciado historicamente, soterrado num período da história recente, num contexto em que não há interesse governamental efetivo em se reconhecer essa história, tampouco em se fazer a autocrítica fundamental para a mudança política tão necessária no atual conjuntura

¹ “Na sua origem etimológica o termo infância em latim é *in-fans*, que significa sem linguagem. No interior da tradição filosófica ocidental, não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade. Nesse sentido a criança é focalizada como um ser menor, alguém adestrado, a ser moralizado, a ser educado” (CASTRO, 2007, p.3)

contemporânea, configura-se, de certa maneira, numa tentativa de evidenciar novas narrativas que nos deem uma noção menos estereotipada sobre o contexto ditatorial, sobretudo sobre a criança e a infância. A criança e sua experiência da infância foram soterradas primeiramente pela sua condição própria de *in-fante* e, segundo, por estarem submersas na experiência de vida feminina. Além disso, esse sujeito encontra-se compenetrado num dos períodos mais obscuros da história do país, num solo ainda pouco explorado. Tal contexto consolida ainda mais o seu ocultamento, apontando para a emergência em posicionar a criança e a infância como objeto de estudo dentro desse período. Nosso objetivo versa sobre resgatar a voz dessas crianças, dando-lhes um lugar de escuta, e constituir, a partir do seu discurso, uma narrativa própria, ainda desconhecida, compreendendo que tais narrativas são constituintes das memórias dos dominados, intencionalmente soterradas pela versão oficial da história (POLLAK, 1989) (WOLLF; PEDRO; SILVA, 2017, p. 58).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Iniciou-se a investigação a partir da revisão de literatura sobre o tema, por entendermos que um levantamento criterioso sobre o que há de produção nos abre caminhos para melhor pensarmos o andamento da pesquisa. Além disso, uma revisão de literatura sólida nos permite inferir sobre a real contribuição de determinada pesquisa, assim como nos fornece dados interessantes para novas problematizações. Optou-se por fazer a revisão literária, acerca do tema, somente em uma plataforma, neste caso, decidiu-se pela Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Tal procedimento inicial foi revelador da falta de pesquisas acerca da infância, sobretudo inserida no contexto ditatorial, sendo encontrada apenas uma investigação com ligação direta ao objeto de estudo proposto. Posteriormente, a segunda etapa da investigação se debruçou sobre a obra a ser analisada. Foram criadas fichas de categorização com o objetivo de mapear a obra, na tentativa de tecer os fios condutores entre um depoimento e outro e construir narrativas de experiências em comum. Num terceiro momento, utilizamos os referenciais teóricos para costurar tais depoimentos, formando assim um texto único problematizando, à luz das teorias, os elementos mais relevantes encontrados e tecendo as narrativas de acordo com as linhas analíticas encontradas a partir do mapeamento.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando que a pesquisa se encontra em desenvolvimento, somente alguns resultados parciais podem ser evidenciados. Primeiramente, podemos apontar para a necessidade em utilizar gênero como uma categoria analítica da experiência da infância das crianças que viveram esta condição inseridas num contexto autoritário. Ao compreendermos a sociedade a partir da divisão social dos papéis entre masculino e feminino como forma de dominação e perpetuação de poder, estabelecemos o vínculo das crianças com suas mães, pois enquanto o espaço público foi destinado a atuação masculina, o espaço privado, a criança e sua educação ficaram a cargo do feminino (SCOTT, 1995). Nesse sentido, as mulheres

militantes subvertiam, a partir de sua luta e resistência ao regime, de duas maneiras, primeiramente por negarem o papel socialmente imposto a elas, ou seja, as questões privadas e do lar e, segundo por resistirem ao regime militar. Tendo em vista que a história das mulheres foi soterrada pela história oficial, as crianças, sendo ligadas então a experiência de vida feminina, encontram-se ainda mais escondidas e silenciadas dentro dessa perspectiva, compondo o que Pollak (1989) nomeia como memórias subterrâneas, ou seja, a memória daqueles e daquelas que não se encaixam nas memórias coletivas enquadradas que dão suporte na construção de uma narrativa coletiva, oficial, mas ao contrário, constituem memórias que divergem da linearidade apresentada pela memória da nação/oficial. A partir da investigação podemos evidenciar a necessidade em olhar para a criança e a infância a partir de uma outra perspectiva, tendo como ponto de partida esse sujeito, buscando compreender a partir da criança como se deu sua experiência da infância inserida em tal contexto autoritário. Essa proposta, que parte da criança, é fundamental para tecer novas narrativas, ainda desconhecidas e, sobretudo, nos permite olhar para esse período por meio dos olhos da infância, nos abre caminho para entender a participação das crianças a partir de outro prisma, compreendendo que estes/as elaboram o contexto e a realidade vivida a partir de uma maneira particular, singular, além disso, nos permite “[...] dar consistência a los argumentos contemporáneos de los estudios de la infancia respecto del carácter activo de los niños e niñas en la construcción de su sentido ético, de la producción de significados; es decir, de la dialéctica de la inmersión cultural” (CASTILLO-GALLARDO; GONZÁLEZ-CELIS, 2015, p. 908). No decorrer das narrativas encontradas na obra analisada, foi possível construir linhas analíticas que apontam para a criança como protagonista na construção de novos vínculos afetivos/familiares, independente do parentesco sanguíneo. Essas construções advinham sobretudo pela condição de clandestinidade em que viviam, pois perdiam o contato com a família biológica e também pela condição do exílio, portanto as crianças passaram a conviver mais com os seus pais e com os/as militantes companheiros/as de luta destes, estabelecendo, portanto, outras formas de se relacionar com o outro, ressignificando espaços e relações. Além disso, as crianças aparecem como atores na construção da sua compreensão da realidade e na construção de maneiras diversas de resistência. Nesse sentido, as linhas analíticas nos permitem compreender a criança a partir de “un modo que se distancia de la pasividad, de la incompreensión o de la ingenuidade usualmente atribuída a la niñez” (CASTILLO-GALLARDO; GONZÁLEZ-CELIS, 2015, p. 909). As linhas analíticas, de acordo com os referenciais teóricos, sugerem um repensar acerca do conhecimento que consideramos ter sobre a infância e a criança, rompendo com a visão adultocêntrica e posicionando o sujeito criança a partir de si mesma, compreendendo esta como protagonista da sua história, como sujeito ativo nas relações estabelecidas com outras pessoas e instituições, protagonistas capazes de narrar sua própria história a partir das experiências vividas (AGAMBEN, 2008); (PADRÓS, 2005). Evidenciamos a partir dos depoimentos, as formas encontradas pelas crianças para resistir, para ser criança e viver a condição de experiências, mesmo que imersas num clima de insegurança e medo contínuo. As narrativas construídas nos provocam diversas indagações e reflexões, sobretudo acerca da capacidade de processamento, de leitura e transformação da realidade em que essas crianças se viam inseridas, por meio da sua singular perspectiva. De acordo com Kohan (2012), a infância, na concepção filosófica do termo, diz respeito a uma condição que habita o ser humano, e nesse sentido, se personifica na infinita

capacidade de recomeçar o pensamento como se estivesse sempre pensando pela primeira vez. Isso significa dizer que a infância é a promotora do pensar filosófico no sentido de reconhecer que tudo pode ser de outra forma é a “infinita potência de recomeço no pensamento” (KOHAN, p.217, 2012). Podemos, portanto, nos permitir pensar que essas crianças se sentiam imersas a um clima de insegurança e medo, compreendiam que viviam uma condição diferente da de outras crianças, muitas vezes pelo fato de precisarem esconder sua identidade e a da família. Mas, apesar de imersas neste contexto, não deixaram de ressignificar os espaços, as relações e os lugares por onde passaram, protagonizando outras maneiras de ser, estar e se relacionar com o outro e com o lugar (CASTILLO-GALLARDO; GONZÁLEZ, 2015)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As informações obtidas até o momento, apontam para a necessidade urgente de investigação acerca da infância neste determinado contexto histórico, partindo da compreensão de que esse olhar retroativo, que busca enxergar a infância sob uma nova perspectiva, contribui para deslocar os conceitos socialmente construídos acerca da infância e da criança, assim como do próprio período ditatorial. Importa ressaltar que esse trabalho de investigação, ao contrário do Brasil, já vem ocorrendo em outros países da América que sofreram com ditaduras de segurança nacional, como é o caso do Chile. A professora responsável por este estudo é a chilena Patricia Eliana Castillo Gallardo da Universidade Diego Portales. Sua pesquisa tem como objetivo recuperar a voz das crianças por meio de cartas, desenhos, diários, entre outros documentos, produzidos por sujeitos que eram crianças e viveram suas infâncias no contexto da ditadura chilena. Suas análises acerca dessas produções têm como base os novos estudos da infância e buscam refletir sobre a maneira como as crianças construíram a sua realidade naquele contexto, assim como a construção do seu sentido ético. Propor, portanto, investigar esse sujeito a partir de si mesmo, além de romper com a visão adultocêntrica, nos permite tecer narrativas desconhecidas possibilitando, assim, uma visão menos estereotipada ao que se refere aos conhecimentos já produzidos tanto sobre a criança e a infância quanto sobre o período ditatorial.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2005.

BRASIL. Assembleia Legislativa. Comissão da Verdade do Estado de São Paulo **Rubens Paiva. Infância Roubada: crianças atingidas pela Ditadura Militar no Brasil**. São Paulo: Alesp, 2014. 316 p.

BRASIL. Assembleia Legislativa do estado de São Paulo. **Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva**. São Paulo: CEVSP, 2012. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/comissoes/comissao-da-verdade/>>. Acesso em: 23 out. 2017.

BRASIL. **Comissão Nacional da Verdade**. Brasília: CNV, 2011. Disponível em: <<http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>>. Acesso em: 22 out. 2017.

CASTILLO-GALLARDO, P. E. & GONZÁLEZ-CELIS, A. **Infancia, ditadura y resistencia: hijos e hijas de la izquierda chilena (1973-1989)**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, 13 (2), 2015, pp. 907-921.

CASTRO, Michele Guedes Bredel de. **NOÇÃO DE CRIANÇA E INFÂNCIA: DIÁLOGOS, REFLEXÕES, INTERLOCUÇÕES**. In: 16º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. São Paulo: Unicamp, 2007. p. 3 - 11. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf>. Acesso em: 09 ago. 2018.

KOHAN, Walter Omar. Visões de filosofia: infância. **Alea**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 17, p.216-226, jul. 2015

PADRÓS. Enrique Serra. **Como el Uruguay no hay... Terror de Estado e Segurança Nacional Uruguai (1968-1985): do Pachecato à Ditadura Civil-Militar**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Rio de Janeiro, Estudos históricos, vol.2, n. 3, 1989, p. 3-15.

SARMENTO, J. M. **Uma agenda crítica para os estudos da criança**. Braga, Portugal. Currículo sem Fronteiras. v.15, n. 1, p. 31-49, jan/abr. 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p.71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, Anilde Tombolato Tavares da. **Experiência e Linguagem: Um pensar sobre a Infância**. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., 2007, Campinas. 16º COLE. CAMPINAS: UNICAMP. Campinas: Unicamp, 2007. v. 1, p. 394 - 394.

WOLFF, Cristina Scheibe; PEDRO, Joana Maria; SILVA, Janine Gomes da. Memórias "gendradas" nas narrativas de mulheres do Cone Sul. In: MAIOR, Paulo Souto; LEITE, Juçara Luzia. **Flexões de gênero: História, sensibilidade e narrativas**. Jundiaí - Sp: Paco, 2017. Cap. 3. p. 55-76.